



**Entrevista** \_\_\_\_\_

**Regina Zilberman**

**Por Célia Sebastiana Silva e  
Vivianne Fleury de Faria**

## Regina Zilberman

Por Célia Sebastiana Silva\* e Vivianne Fleury de Faria\*\*

Um dos grandes desafios da escola básica hoje é a formação do leitor do texto literário e, por assim ser, a leitura literária deve estar na centralidade do ensino de Língua Portuguesa, uma vez que já perdeu a autonomia de disciplina na maioria dos currículos. Vivemos em tempos em que se pode falar não apenas em uma “crise da leitura na escola”, mas na sua agudização. E uma das pioneiras nos estudos e pesquisas sobre a tensa e polêmica (mas não pouco importante) relação entre leitura literária e escola é, no Brasil, a gaúcha Regina Zilberman. Por essa razão, o conjunto de sua obra tem sido referência fundamental para pesquisadores que se dedicam ao tema. Para a área de Literatura e Pedagogia em um programa de mestrado multidisciplinar em Ensino na Educação Básica, como é o do CEPAE, é indiscutível a pertinência e a importância da entrevista que ora apresentamos.

Professora adjunta do Instituto de Letras, da UFRGS, com atuação no Programa de Pós-Graduação em Letras, atualmente, Regina Zilberman já lecionou entre 2007 e 2010 na Faculdade Porto-Alegrense e, em 2010, no Centro Universitário Ritter dos Reis. Foi também professora titular da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Com vasta publicação de artigos, livros e entrevista, a professora e pesquisadora tem experiência na área de Letras, com ênfase em História da Literatura e atua em temas como leitura, história da literatura, literatura do Rio Grande do Sul, formação do leitor e literatura infantil. Possui graduação em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1970), doutorado em Romanística - Universidade de Heidelberg (Ruprecht-Karls) (1976), e pós-doutorado no University College (Inglaterra) (1980-1981) e Brown University (EUA) (1986-1987).

Nesta entrevista, o propósito é discutir pontos polêmicos sobre a relação leitura literária e escola como a presença da literatura frente os desafios do século XXI na

---

\* Graduada em Letras UEG; mestra em Estudos Literários pela UFG e doutora em Literatura pela UNB. Atualmente é docente adjunta da Universidade Federal de Goiás (UFG), lotada no Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE-UFG), onde atua no Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica (PPGEEB). E-mail: celia.ufg@hotmail.com.

\*\* Graduada em Letras UFG; mestra em Estudos Literários pela UFG e doutora em Literatura pela UNB. Atualmente é docente adjunta da Universidade Federal de Goiás (UFG), lotada no Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE-UFG), onde atua no Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica (PPGEEB). E-mail: viviannefleury8@gmail.com.

escola, a obrigatoriedade da leitura literária, o fatiamento das obras literárias por faixa etária, a atuação da literatura na formação humana e na educação do jovem leitor, a leitura dos best-sellers. Desse modo, parece-nos que não haveria nome mais pertinente para contribuir com esse Dossiê e com as pesquisas e a atuação de professores na Educação Básica.

Eis aqui a palavra da professora Regina Zilberman:

*1. Como a senhora analisa a relação Escola - Leitura - Literatura, considerando o contexto do jovem no século XXI?*

A primeira providência é a revisão do conceito de literatura. Não que se deva abandonar a literatura no modo como foi entendida até agora, como um discurso com características próprias que a elevam acima dos demais. Esse modelo tem uma longa história, e rejeitá-lo é jogar o bebê fora junto com a água do banho. Mas a produção literária lida atualmente com formatos muito variados, que responde a aspirações distintas de seus públicos. Os PCNs, bem como os referenciais curriculares, buscaram abrir o ensino para os gêneros diferenciados de discurso, introduzindo manifestações populares, como a literatura de cordel, ou expressões da cultura pop; porém, as propostas são homogeneizadoras, sem levar em conta as expectativas dos públicos, suas segmentações sociais, étnicas, etc. O diálogo não se restabeleceu (se é que houve diálogo em épocas anteriores), e o problema permanece.

*2. Há alguns teóricos que defendem que o jovem leitor tenha total liberdade para escolher as leituras literárias. Outros, como Ítalo Calvino (ele diz que as escolas devem nos dar instrumentos para optarmos pelos nossos clássicos), defendem que a escola deve valer-se de instrumentos que obriguem os alunos a conhecer obras essenciais da cultura literária. O que a senhora pensa sobre a obrigatoriedade da leitura de textos literários na escola?*

De um modo ou de outro, a escola lida com a literatura em sala de aula, desde a educação infantil. Neste nível, a escolha dos alunos é mais livre, mas, já então, depende da oferta propiciada pela biblioteca ou pela disponibilidade de pais e professores de

colocar livros ao alcance das crianças. A literatura, portanto, participa do horizonte do estudante desde o começo, mas as possibilidades de opção encolhem, pois a tendência é a de todos – alunas e alunos – trabalharem em sala de aula com a mesma obra. A partir deste ponto, a liberdade começa a faltar, o que não é bom, pois torna o leitor escolar cativo das eleições de professores, pedagogos, orientadores educacionais, gestores, etc. Por sua vez, nem sempre o ambiente doméstico é rico em livros, o que também reduz as possibilidades de a criança ou o jovem decidir o que gostaria de ler.

Creio que esse é o problema da obrigatoriedade da leitura de textos literários, a saber, o fato de se colocarem poucas alternativas ao estudante. Ele poderia ser motivado a ler livros em diferentes suportes; mas suas escolhas seriam pessoais e, depois, divididas com o grupo, ampliando o horizonte de conhecimentos de todos.

*3. Em relação à literatura infantil, há que haver uma literatura para criança? Ou ela serve tão só para que o mercado editorial usufrua cada vez mais do fatiamento das faixas etárias?*

A literatura para crianças existe há mais de duzentos anos; trata-se de um fato histórico. Mas ela não é um gênero homogêneo, pois inclui produtos diversos, como a poesia destinada à infância e adolescência, uma dramaturgia própria, etc. Além disso, compartilha outras modalidades de manifestação escrita, como a história em quadrinhos, por exemplo. Nas últimas décadas, vem passando por mais uma transformação – o que, na pergunta, é chamado “fatiamento”, resultante, de uma parte, dos planos educacionais, que entendem o letramento por etapas (o que já é discutível), de outra, da resposta do mercado editorial a essa demanda.

Pode-se constatar, assim, que esse “fatiamento” é artificial. Pois, quando a literatura infantil enquanto tal se espraia por modalidades distintas de expressão (narrativa, poesia, etc.) e interage com outras possibilidades culturais que miram um público determinado (crianças e jovens), ela responde às características de toda manifestação com a palavra. Mas essa circunstância não pode limitar seu alcance, e sim dilatá-lo, o que não ocorre quando previamente se estabelece não apenas que tal obra destina-se a jovens de oito a dez anos, mas, e sobretudo, a estudantes de quarta ou quinta série do ensino fundamental.

4. *Há um texto seu que afirma "Sim, a literatura educa". A senhora poderia elencar em que aspectos os professores podem efetivamente fazer com que a literatura contribua para a formação do jovem leitor?*

Acho que o principal é colocar livros – ou obras literárias em seus diferentes formatos e suportes – ao alcance do público jovem.

5. *Qual seria um "ideal" de escola para se promover a leitura literária?*

Em primeiro lugar, uma boa biblioteca; depois, professores atualizados e, eles também, bons leitores.

6. *Fala-se muito na crise da leitura literária e no suposto fim do livro de papel. Qual a sua opinião a esse respeito?*

Trata-se de questões distintas: a produção literária – com a palavra, verbal ou escrita – precedeu em muito o aparecimento do papel. Por isso, sobreviverá provavelmente às mudanças nos suportes, que se diversificam hoje e continuarão a se diversificar.

7. *Na sua opinião, qual é o papel da literatura na formação humanística do aluno?*

A formação humanística depende do acesso à cultura, o que supõe boas bibliotecas, bons museus, aparelhos culturais modernos e ao alcance de todo tipo de audiência. Não vejo problema em a cultura de massa dispor de mais consumidores que a cultura elevada; a própria denominação delas aponta para suas singularidades. Mas a cultura de massa – televisão, redes sociais, etc. – não pode ser a única alternativa colocada à disposição do público. Uma sociedade plural supõe a convivência entre todas as modalidades de cultura – de massa, popular, urbana e rural, elevada. A literatura está presente em todas essas possibilidades, quando elas são identificáveis numa sociedade, e assim pode participar da formação humanística não apenas do aluno, mas da população nacional.

8. *É senso comum nas escolas que os alunos, muitas vezes, têm já um gosto consolidado pela leitura de “best-sellers”, mas têm resistência em ler literatura brasileira. Como lidar com esta situação?*

É natural que os alunos – e o público leitor em geral – dê preferência a *best-sellers*; caso contrário, esses livros já não seriam os mais vendidos. O problema não é esse, e sim quando alunos e professores não dão preferência a nada.

Por sua vez, lidar com *best sellers* também não é problema, porque o conhecimento da literatura se faz por qualquer via. Se a criança preferir Lucas Neto, e o jovem, Felipe Neto, é porque esses *you tubers* respondem a questões que interessam seu público; essas respostas podem sinalizar o que o professor em sala de aula por eleger como leitura a partir deste ponto.

Por fim, o problema da literatura brasileira: citei dois *best-sellers* (em livro e em canal de *You Tube*), porque eles são brasileiros, logo, literatura nacional. Contudo, estou ciente que a pergunta quer saber por que Felipe Neto, e não Machado de Assis. Um professor de ensino médio poderia facilmente resolver a equação, levando seus alunos jovens e criativos a converter Brás Cubas, por exemplo, em um moderníssimo *you tuber*.

9. *Na sua opinião, que critérios seriam relevantes para o professor levar em consideração para a indicação de livros literários a alunos da educação básica? Quais são os maiores desafios para o ensino da literatura nos dias atuais?*

O professor não é livre para escolher as obras a serem lida pelos alunos. Esse, parece-me, é o problema de base: ele ou ela é obrigado/a a utilizar em sala de aula escolhas de terceiros. A falta de liberdade de escolha repercute sobre os alunos, e todo/as se sentem condicionados a estudar o que talvez nem sempre constitua alvo de seu interesse. Esse é um desafio a enfrentar, mas, no presente horizonte, não vejo como pode ser superado.